

O dilema da questão da Existenz em Heidegger

The dilemma of the question of Existenz in Heidegger

El dilema de la cuestión de la Existenz en Heidegger

DOI: 10.5281/zenodo.21634808

Recebido: 25 jul 2026

Aprovado: 27 jul 2026

Caio César Costa Santos

Doutor em Psicanálise pelo Instituto Gaio de Ensino Superior Lagarto, Sergipe, Brasil.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3778-035X>

E-mail: cesarinmind@gmail.com

RESUMO

Com o único objetivo de fazer uma pequena, mas singela “síntese” sobre o dilema da *Existenz* com notas puramente “esparsas”, assim como o título sugere -; este artigo, na forma de ensaio, procura trazer um sucinto modo de “ver”, de se “enxergar” e de se “analisar” a nossa existência, sobretudo, humana. A hipótese central, para tanto, é o porquê a existência “existe”. Deste modo, o eixo norteador do artigo é, em notas filosófico-existenciais “esparsas”, ou seja, “dispersas”, tecer um quadro modo-existencial para a nossa própria existência, servindo-nos de contribuições filosóficas de alguns mestres da filosofia. A parca conclusão a que chegamos é que o tecido cujo pano envolve a existência mostra-se ser “tecido” com os próprios fios do esplendor suave da vida ordinária. Em suma, aquilo que será analisado aqui é mais um modo de se “ter” a existência como uma forma viva e ordinária em relação ao mundo e a nós mesmos quando a única possibilidade de toda a nossa vida enquanto ser é inevitavelmente “existir”.

Palavras-chave: dilema; existência; vida ordinária; existir.

ABSTRACT

With the sole objective of providing a brief but simple "synthesis" on the dilemma of Existenz (Existence) with purely "scattered" notes, as the title suggests, this article, in essay form, seeks to offer a succinct way of "seeing," "perceiving," and "analyzing" our existence, especially our human existence. The central hypothesis, therefore, is why existence "exists." Thus, the guiding principle of the article is, in "scattered," or rather, "dispersed" philosophical-existential notes, to weave a mode-existential framework for our own existence, drawing on philosophical contributions from some masters of philosophy. The meager conclusion we reach is that the fabric that envelops existence proves to be "woven" with the very threads of the gentle splendor of ordinary life. In short, what will be analyzed here is yet another way of "having" existence as a living and ordinary form in relation to the world and to ourselves, when the only possibility of our entire life as beings is inevitably "to exist."

Keywords: dilemma; existence; ordinary life; to exist.

RESUMEN

Con el único objetivo de ofrecer una breve pero sencilla síntesis sobre el dilema de la existencia, con notas puramente dispersas, como sugiere el título, este artículo, en forma de ensayo, busca ofrecer una manera concisa de "ver", "percibir" y "analizar" nuestra existencia, especialmente la humana. La hipótesis central, por lo tanto, es por qué la existencia "existe". Así, el principio rector del artículo es, mediante notas filosófico-existenciales dispersas, tejer un marco modal-existencial para nuestra propia existencia, a partir de las contribuciones filosóficas de algunos maestros

de la filosofía. La escasa conclusión a la que llegamos es que el tejido que envuelve la existencia parece estar "tejido" con los hilos mismos del suave esplendor de la vida cotidiana. En resumen, lo que se analizará aquí es otra forma de "tener" la existencia como una forma viva y ordinaria en relación con el mundo y con nosotros mismos, cuando la única posibilidad de nuestra vida como seres es, inevitablemente, "existir".

Palabras-clave: dilema; existencia; vida ordinaria; existir.

1. MUNDO E EXISTÊNCIA

A existência humana é sofrimento. Físico ou não, é sofrimento. A estrutura da vida ordinária é um episódio vivo da existência humana. A inscrição do componente da vida se insere de alguma medida na profusão das coisas terrenas do homem mundano. Assim, a ordem da vida beira a ordem da mundo. Este é a consequência e causa de seu próprio mundo; quando a mundaneidade do mundo passa a se refletir em si mesmo. Nesta ordem capital, o campo da vida ordinária entreabre e passa a contornar os dilemas de tal e tamanha mundaneidade. Com isto, a difícil *sobre-vivência* no mundo se reafirma na decisão de cada um ser o que é - ou seja - "homem", "mundano" e "humano".

A história ou as estórias da vida de um humano são pintadas com o pincel da subjetividade.. Ou seja, a eguidade é a peça-chave de um elemento natural e subjetivo - "o ser-de-si-mesmo". Há muito tempo, o advento do sofrer-de-si-mesmo é a tônica do começo do mundo. O Sr. Hegel já dizia isto quando fez, ele mesmo, "anteceder" a idade moderna, supondo já um recomeço de uma crise existencial planetária. Desde o homem das cavernas, a vida ordinária é um ponto lançado ao abismo, sendo este, o sofrimento em carne e osso.

O estímulo da vida, por incrível que pareça, é o sofrimento. A dor e o sofrimento. Feliz daquele que sofre; este terá o reino dos céus - diz as sagradas escrituras. O termo-chave aqui é "ordem". "Ordem do mundo" e "ordem da vida"; à primeira vista, tudo é a mesma coisa, muito embora de natureza distintas. A "ordem do mundo" é a captura e ao mesmo tempo a abertura do panorama ou horizonte da vida, do esplendor do que é a vida.

Já a ordem da vida tem, o mundo, como peça-chave e central de sua organicidade. Assim, a vida "organiza" o mundo, enquanto que o mundo "pertence" à vida. Ambos, "mundo" e "vida" se "esfregam" no dizer da e a Existência. O caminho para a vida é o mesmo que o caminho para o mundo. Assim mesmo, o Sr. Heidegger já dizia em seus manuscritos que - "somente há um mundo e este "mundo" "é-a-sua-mesma-mundaneidade". Só deste modo o mundo é "mundo" - tal como é ele mesmo. O que quer dizer que o "mundo", este no qual "vivemos" nossas relações, "perambula" nele mesmo. Queremos dizer que o mundo se comunica com o próprio mundo, quando o "mundo" passa a ser "ele mesmo"; o seu reflexo.

Na ordem da vida, o estímulo para o "viver" se coaduna com o estímulo do próprio mundo. O

mundo é inevitavelmente suas “relações” onde e pelo qual, para Heidegger (2015), “o mundo são suas relações significativas”. Deste modo e só deste modo, para Heidegger, o mundo passa a ser *significativo*. Ou seja, - a questão do “ser” é a *sua* relação “significante” e “significada”. Não devemos contradizer ou contrariar estes termos, porque ambos são complementares.

O dizer do mundo na relação significativa é o *produzir-a-si-mesmo* a própria relação de significatividade. Ou seja, - temos aqui um paradoxo inevitável - quando o próprio mundo “suspira” o alento de suas próprias decisões “significativas”. Por intermédio do estímulo da ação significativa do mundo, este sofre a sua própria relação significativa. Ora, o mundo, neste

sentido, também é “ordem natural da vida” e mesmo “do organismo natural da vida”. Temos também uma relação significada - quando o signo para onde o mundo é, é o próprio significado do órgão vital que é a vida. Com este sentido, “ordem”, “mundo” e “vida” se justapõem; estão no mesmo “saco”.

Heidegger, em 1927, estava certo ao nos dizer que - “mundo é existência”. Expliquemos. Vimos que “a ordem da vida” e “a ordem do mundo” se complementam, embora ambos sejam de naturezas distintas. A vida ordinária é muito diferente da vida em geral; porque os “organismos vivos” podem ser tanto “ordinários” como também até “não-vivos”, ou seja, estes pertencentes à aurora ausente da vida orgânica.

A Sra. Edith Stein (1994) em “Ser finito e ser eterno” tinha um lema muito interessante quando ela mesma dizia - “A ordem da vida é o Organismo da Vida”. Ou seja, - tudo é exatamente e até absolutamente “vida”-; só que Heidegger não tratou mesmo do problema da vida em geral ou mesmo da vida orgânica enquanto um “organismo”. Pelo contrário, o seu próprio lema era, como já sabemos, a “vida-em-existência”, porque, em Heidegger, a *existência da vida ordinária* foi a peça central de sua problemática e originalíssima analítica do *Dasein*.

Ou seja, na cobertura da análise existencial do *Dasein*, aquilo e somente aquilo que está ao nosso alcance é a Existência - a “vida existencial ou existenciária”. Com isto, “sobreviver-à-vida” é o mesmo que “existir ‘na’ existência”. Ou seja, - em Heidegger, a existência (*Existenz*) é o único e somente o único caminho para o “viver” do *Dasein*. Logo, não há um outro caminho quando, para todo o ser-humano, a existência é “uma” - “una” - , ou seja, - “única” - em sentido, forma e conteúdo.

De todo modo, somente através da *Existenz* é que se pode des-cobrir o caminho (ou os “caminhos”) para a “significatividade” ou o “significar”, único, preciso e transparente, para o *Dasein*. Neste sentido, o *Dasein* só des-cobre, ou seja, só se “desencobre” “na” e “com” a existência.

A Existência para a qual Heidegger fala é a existência - “mundana”. O termo “mundano” em Heidegger é o mesmo que “vida ordinária”, mas, claro, considerando todo o tipo de objetos que são ordinariamente mundanos - um “ser”; uma “faca”; a “pedra”; o “organismo”; o “sofrimento”; a “existência”

e até o próprio “ser”.

O modo contínuo do “viver-em-existência” obedece esta “ordem vital” - que é “toda”, repito, “toda” a conjuntura de todos os tipos de mundaneidades - ou seja - todas as suas relações significantes e significativas”no” e “com” o mundo. Assim, digamos que “este mundo” é a consequência de um “novo” mundo que estar prestes a se realizar, ou melhor, a

inicialmente “aparecer”. Deste modo e com este sentido, é por isto que a analítica do *Dasein* é, puramente e epistemologicamente falando, uma analítica do “aparecer” - ou seja - do “aparecer no mundo e com o mundo”.

Digamos ainda que o “este mundo” seria ou será a nova forma ou o “novo” conteúdo de “novos mundos” - quando o termo “mundo” aqui serve de sinônimo de “possibilidade”. Ou seja, - “somos ‘possibilidade’”, no singular mesmo. A “possibilidade da vida” e a “possibilidade do próprio mundo”. Ambas “possibilidades” estão o tempo todo “em jogo” - ou seja - em forma de relação. Sendo assim, a questão da vida é uma metáfora para o mundo - para “este mundo” -; quando mesmo aquilo com que e pelo qual chamamos de “A ordinariedade da vida” é uma ordem vital de - “pura substância e puro conteúdo” - porque - com este sentido - a vida tal como ela é, ou melhor, tal como nos aparece - é, de toda medida, o reflexo (*representâmen*) do mundo.

O Sr. Deleuze (2026) em sua obra “A imagem-tempo” estava correto quando criou uma metáfora para o tempo - ou seja - para a “vida modo-temporal” - ele disse assim - “o tempo é um interstício de relações”, por isso o chamamos de “cristal do tempo” (ou os “cristais do tempo”). Deleuze, nesta ordem significativa, metaforizou o “tempo” quando também para ele o “tempo” nada mais é do que a vida - porque “tempo” é “vida” porque faz “correr” - quando o mesmo também se diz - “vida” é “tempo”. Ou seja, na contramão do destino, nós temos o “tempo” que a tudo muda e - na contramão da vida - temos o próprio e nosso paradoxal “destino”.

Também, neste sentido, a “captura” do *Dasein* pela ordem do mundo tem como pano de fundo a “vida”. “vida” que, para a própria vida com seu vitalismo é uma “ordem natural” ser o *Dasein* também uma “pura substância”-; mas isto somente para a ordem vital da “vida”, ou seja, para uma perspectiva “vitalista”. Novamente, a questão da vida ordinária da *Existenz* é, na ótica heideggeriana, a “própria” Existência, nua e crua. E o caminho que se “cria” com este “si-mesmo-da-existência - ou seja, - “ela-mesma-ela-mesma” - é o *si-mesmo* de sua pura e imediata *mesmidade* - para utilizar um termo hegeliano. Ou seja, - a *mesmidade* do ser-existência é, claramente, o seu “ser-ela-mesma” - no vácuo mesmo; no abismo mesmo ou até na totalidade mesma.

Com este sentido, surge uma questão que é ao mesmo tempo profunda e paradoxal, mas ao mesmo tempo também simples e abstrata - que é - “A vida é existência?”. Para respondermos a esta pergunta,

naquilo que a chamamos de “modernidade”, devemos recorrer - sem sombra de dúvidas - a Heidegger em sua analítica.

Ora, se caso, por um sentido apenas, a vida *for* “existência”, então, “a existência ‘tem que ser’ “morte a cada vez” e, posteriormente, “vida” para “ser” *Existenz*. Porque, quando dizemos que “vida-é-existência” - a própria existência, na sua curiosa imediatricidade, costuma “ser” “ordem da vida”. Na mesma linha de raciocínio, o Sr. Kierkegaard (2010) disse-nos - “é preciso sofrer-para-existir” e - na outra ponta deste mesmo raciocínio - Heidegger (2015) diz - “existir-é-também-perecer”.

A aventura da vida ordinária é, em toda medida e em todo o tempo, o “aventurar-se” no “desencobrimento” em Heidegger, enquanto que a vida ordinária, em toda medida e em todo o tempo, é o “sofrer-se” no “desespero” em Kierkegaard. A lógica é nua e crua; e não podemos sair deste “duplo desfecho” - que é o *encontrar-se* por um lado com a “vida” para, posteriormente e inevitavelmente, *encontrar-se-com-perante-a-morte*. Em um duplo sentido, este é o tema central da analítica existencial tanto kierkegaardiana, quanto heideggeriana.

O que podemos dizer também com isto é que é uma “dupla morte” - “a morte de *estar- apenas-vivo-sofrendo-ao-perseverar-sendo-na-existência* e a morte “definitiva”; que é o “existir-como-ente-morto-duplamente-mortificado-na-ausência-de-vida”.

A questão se prolonga se formos inserir um elemento mais duplamente contraditório ainda - a questão do “ser”. Em contrapartida, o “ente” é todo o modo-temporal-temporalizante do ser-o-ente “ser-sendo” na existência, mas e o “ser” - refiro ao “ser ontológico”(?). Realmente e ordinariamente, se formos falar aqui de uma “ontologia para/no/pelo ‘ser’” - deveríamos escrever diversos volumes.

Mas, e o “ser” de todo o modo no modo de captura do “tempo” - ou seja - para ficar mais claro - “como o “ser” é-sendo-será “na” existência? Ou seja - como “este” duplo movimento de “ir” e “vir” do próprio “ser” se “concentra”, de modo forte e imediato, “na existência”?. De todo modo, a *Existenz*, no dizer de Hegel (2016), é a *pura-forte-e-imediata-somente-imediatidade*; porque o aquilo a que chamamos de “ser”, numa ordem puramente ‘lógica’, nada mais seria do que a ‘pura-imediatez’ ou, dito em outros termos, na esteira de Heidegger, o “próprio-ser-tão-somente” - porque - necessariamente - uma ‘ontologia’ precisa do ‘ser’ na exata medida em que o ‘ser’ necessita também da ‘ontologia’. ‘Ser’ e ‘ontologia’ resumem todo o sistema da “boa metafísica”.

2. A EXPERIÊNCIA PROFUNDA DA EXISTÊNCIA HUMANA

O caminho por onde *deve* andar o *Dasein* é o mesmo caminho por onde caminha um dos existentes mais importantes da analítica heideggeriana - “o ser-no-mundo”. Ora, dentro da conjuntura deste existente, se mostra ou “faz aparecer” uma grande possibilidade infinita de ‘possíveis’. Estes “possíveis” são na

verdade os variados *modos*, espaciais e temporais, de se ‘relacionar’ com o mundo, *na sua forma mais imediata* possível. Assim, a questão que faz afirmar - “O que é o mundo?” - vem à tona.

Mas, na verdade, o que é o mundo? Na conhecida para nós “*Daseinsanalyse*” - “mundo” é “um complexo e repleto e variado campo de possibilidades como também repletos e variados ‘começo’, ‘fim’ e ‘início’. Na obra *Psychoanalysis and Daseinsanalysis*, Medard Boss (1963) justifica o seu pensamento em relação ao ‘relacionamento’ que há entre - de um lado - a Psicanálise - e de outro - a Daseinsanálise - analisando terapeuticamente os vários casos psicóticos, neuróticos e esquizofrênicos de seus pacientes. A título de curiosidade, o interessante a observar é que a sua, digamos assim - “terapêutica analítica” - perpassa a seara de uma fenomenologia existencial bem na esteira de uma ‘analítica’ de um mundo que, com o dilema da existência por um lado e, claro, consequentemente, o sofrimento psicológico dos pacientes de outro - a orquestra de uma analítica do *Dasein*, se podemos dizer assim, se veste também, sem sombra de dúvidas, de uma “psicoterapia psicanalítica ortodoxa freudiana”. O argumento é claro - a analítica de Boss repousa sob uma atmosfera existencial de duplo movimento psicoterapêutico - a saber - o “mundo” e o “sofrimento psíquico”.

Bem no início do século XIX, logo após a publicação dos dois volumes de suas “Investigações Lógicas”, o Sr. Edmund Husserl nos deixou um legado podemos claramente dizer “científico” sobre a análise de “uma ‘suposta’ analítica” (lê-se “análise”) da “consciência”. DE qualquer modo, pedimos perdão, pois o termo mais adequado não seria necessariamente “analítica”. Mas, em contrapartida, o que Husserl pretendeu nos demonstrar foi que a consciência, sobretudo a da ‘consciência subjetiva humana’, é um amplo campo de possibilidades “representáveis” durante a execução dos modos de *percepção* (*Perception*) e, por outro lado, durante os modos de *representação* (*Representation*). Na fenomenologia, os atos de “perceber” e “representar”, ambos, são a síntese de todo o modo de fenomenologizar um ente; um objeto; um ser ou um artefato.

Husserl (2012) soube justificar, de modo belamente argumentativo e retórico, que a questão da “consciência”, mesmo diante de todo o ‘psicologismo’, precisava ser colocada em prova porque, à época, o advento de toda forma psico-lógica de interpretar o “mundo” e o “eu” tinha ‘fracassado’. Então, em contrapartida, Husserl constrói toda a sua teorização (porque antes de tudo a ‘fenomenologia’ também é uma “teoria”), em cima de um psico-logismo *logicamente*, ou seja, *formalmente* arquitetado, tendo como base central - a “consciência”.

Portanto, Husserl, como lógico, matemático e ao mesmo tempo filósofo, soube muito bem justificar todos os seus argumentos para, com isto, fundamentar a sua teoria em relação ao modos de fenomenologizar, como também se fenomenologizar “no-mundo”. Em contrapartida, Heidegger (2015),

em “Ser e tempo”, não ‘ridiculariza’ ou ‘critica’ de modo feroz a fenomenologia husserliana, mas, com *outro* sentido, dar um novo “ar” - ou seja - passa a atribuir um “novo” sentido de possibilidade aos modos de fenomenologização dos entes. A filosofia analítico-existencial de Heidegger é mais um *complemento* da teoria fenomenológica porque Husserl começa da investigação sobre a “forma” para, por fim, se chegar ao “fenômeno”. Por outro lado, Heidegger começa do “ser” para se chegar aos “entes” e, por fim, alcançar os “fenômenos”.

Ontologicamente falando, em “Ser e tempo”, o divisor de águas da filosofia heideggeriana é o problema do “ser”. Na obra e durante ela, Heidegger vai colocando sempre - ou seja - a todo instante - a “pergunta pelo ser”. E, em seu modo prático, ou seja, no dilema da práxis, a Daseinsanálise nada mais seria, em suma, do que também uma “pergunta pelo ser da existência”. Detalhe: não apenas “pelo” “ser”, mas como também “no” “ser”, “em torno do ser”, “no interior do ser” e até “fora do ser”.

No mundo antigo, o dilema da existência também foi o deste mundo nosso mundano - “o de perseverar na/com a existência. “Existir”, para os gregos, era como também “perseverar na/com a “dor” e o “sofrimento”. A título de exemplo, o homem das cavernas de Platão (2015) exemplifica muito bem o nosso argumento. A força da alegoria platônica do “mito da caverna” é, destarte, um exemplo mais do que “concreto” e sim “ordinário” do duplo movimentar do *mundo-em-relação-à-existência* - ou seja - no mito da caverna - o caminho do homem com grilhões em todo o seu corpo somente era um - a saber - a *relação significativa e existencial* consigo mesmo e com o mundo da existência. Para Platão, aquele mesmo homem das cavernas vivia os seus dilemas existenciais dentro propriamente, claro, da caverna. Ou seja, na caverna, dentro, o mundo era apenas *um*. Assim e deste modo, o *mundo lá* dentro se encurtava paulatinamente, como também *a existência*.

Este homem das cavernas vivenciava o paradoxo de si mesmo, como também vivia o paradoxo de sua existência. Se a ordem natural da vida mundana é o *sofrimento existencial*, este homem sofria *existencialmente*. Digamos que, na ordem da *vida-na-caverna*, o “ordinário da vida” seria “a existência daquele homem no *encontrar-se-consigo-mesmo*”. Seria, no caso, em suma, o homem ordinário e mundano, *por excelência*.

Sendo assim, a “clareira do ser” deste homem era *ser-ele-mesmo-indo-de-confronto-com-a-própria-existência*. Ou seja, no *ser-ele-mesmo*, o homem das cavernas, a única possibilidade de existir sua era o *estar-dentro-somente-da-caverna*., tendo como única garantia mesmo *o-olhar-para-dentro-de-si-mesmo* na espacialidade e na temporalidade da realidade singular da caverna. Existencialmente falando, o mito da caverna de Platão seria, de modo o mais retrospectivo, um dos exemplos mais

marcantes (se pudermos dizer assim) do dilema da Existência - isto é - a *sobre-vivência* em meio às *crises existenciais* da vida ordinária e mundana.

3. MAIS UMA VEZ O PROBLEMA DA EXISTÊNCIA EM SEU SUBSTRATO ORDINÁRIO

Com o mito da caverna de Platão, Platão (2015) quis demonstrar o quanto a existência reflete o mundo em sua forma mais paradoxal possível porque, diante dos dilemas e de suas crises existenciais, este homem era sim um homem decididamente e existencialmente *paradoxal* porque o seu “ser” era também *paradoxal*. Por dois motivos principais: primeiro, o seu modo de *perseverar-na-existência* e, por outro lado também, o seu *agir-perante-o-mundo*. Neste sentido, a forma arquetípica do homem das cavernas é só mais um belo exemplo da capacidade humana de *sobrepôr-se-diante-da-existência*, não importando qual barreira ou obstáculo seja. No mais, é passar a sobreviver diante de seus dilemas existenciais.

Neste contexto, a cada crise do homem das cavernas em *estar-se-perante-a* aquele mundo introspectivo da caverna, a busca bem como a *des-coberta* pelo seu “ser” ‘grita’ o desespero da vida existencial - isto é - ‘sussurra’ nos “ouvidos” da existência sua, o *desesperar-se-perseverar-se-na-com-a-sua-própria-existência*. Neste contexto, é possível que Heidegger seja também platônico no modo de “interpretar” e “atribuir” sentidos à existência. “Ser e tempo” é uma obra que abre a modernidade com a questão da “pergunta pelo ser” e não tão somente a pergunta pelo “ser do ente”, mas como também pelo “ser da existência”.

No começo da era moderna, ou melhor, hipermoderna, Heidegger nos presenteia com uma analítica que envolve, cativa e chama. Ou seja, “chama” porque nos convoca a testemunhar, como um índice de testemunho mesmo, a prova viva do “existir”. Assim, “existir” é o *modus operandi* do nosso mundo; e isto seja para um “objeto” ou “ente” mundano ou não. Porque até mesmo aquele ser do ente que à primeira vista não nos parece (ou aparece) como “mundano”, é importante dizer que este mesmo “ser” passou pelo fio do tecido da existência. Ou seja, o caminho que vai da vida ordinária, passando pelos seus obstáculos e dilemas, chega inevitavelmente, também com suas crises, à arquitetura da composição do tecido que envolve o existir humano.

Assim, torna-se importante dizer também que o modo de se fenomenologizar do *Dasein* segue uma ordem existencialmente fenomênica da vida, pois o fio ou os fios (no plural) que envolvem a dada Existenz, também são os mesmíssimos fios que *perpassam* a suavidade precisa e transparente, apesar também de dispersa, da vida *extra-ordinária*. Ou seja, o mesmo modo de captura, busca, *des-coberta* (*desencobrimento*) e ruptura do *mundo-em-existência* é, sumamente falando, o reflexo do cristal (Deleuze) modo-temporalizante do *ser-e-estar* imediatos da ordinariedade da vida. Isto é, dizemos isto porque queremos chegar, mais uma vez, no ponto último que é a *extra-ordinariedade* da vida puramente ordinária.

É importante também para nós dizer que Heidegger, nos seus manuscritos, não utiliza de modo recorrente o termo “vida” e tentamos explicar filosoficamente o porquê. Bem, Heidegger trabalha com a “pergunta pelo ser” e, fundamentalmente e fenomenologicamente falando, “ser”, para Heidegger, é “existência”. Então, o vocábulo “vida”, de um modo geral, nos pressupõe o sentido ou os vários “sentidos” de “vivacidade”, pois, - dizemos - “a vida é uma pura-forma-viva da Existência. Neste sentido, podemos pensar que a filosofia heideggeriana, embora toque na problemática do “ser” e da “existência”, não toca no significado de “vida” como “pura substância” - como quando dizemos expressões assim - “A Substância da Vida!, muito embora, por outro lado, a “vida” seja uma “pura substância”. Assim sendo, em termos aristotélicos, o sentido de “vida” de um modo geral se aproxima para nós do de “substância” (*elixir*) - como se a vida de um modo geral fosse o antídoto da existência, ou se quer preferir, de *toda* a dada existência.

Heidegger, então, em muitos poucos pontos de sua obra escreve termos como “vida existencial”. Muito pelo contrário, ele prefere falar somente de “Existência” ou de “existência”. Ou seja, em “Ser e tempo” (1927), o *Dasein* persevera “na” existência porque simplesmente ele é um *ser-no-mundo*, assim como os “outros” também são *ser-no-mundo*. Deste modo, é interessante notar que, gramaticalmente falando, o em+o = “no” é uma preposição designativa modo-espacial (e também temporal). Ou seja, quando, na analítica heideggeriana, surgem as preposições de “lugar” como - “em”; é para nos salientar que o ser-aí só *acontece* “no” mundo e, portanto, “na” existência.

Com isto posto, a necessidade de um “ser-no-mundo” posto diante às todas as possibilidades do existir humano é para realçar a dinâmica existencial que envolve e perpassa o mundo ordinário dos “entes”, das “coisas” e dos “fenômenos”. Com este sentido em particular, quando o *Dasein* toca a atmosfera do “mundano”, tocando inevitavelmente a “existência”, ele toca também o organismo vivo-vivificante do mundo mundano, em suma, a sua mundaneidade.

Em termos heideggerianos, sendo o mundo um “mundo-em-existência”; isto quer dizer que estamos existindo continuamente, em *contínuo-atrás-de-contínuo*. Se perseveramos “na” existência e “com” ela, estamos sendo um “sendo-existindo” no modo temporalizante e espacializante de “ser”. Esta é a pura dinâmica dos fenômenos das coisas. De um modo geral, “existimos” porque “sobre-vivemos” sob um modo particular de “ser”. Sendo assim, o “ser”, mesmo em seu modo infinitivo, é um “sendo” porque o “ser” não cessa de “ser”, isto é, “ser-ele-mesmo”.

É interessante notar também que Kierkegaard (2010) na sua obra “O desespero humano” nos projeta para uma analítica do “ser” também “mundana”. Queremos dizer especificamente com isto que a filosofia kierkegaardiana, por trabalhar com aquilo que é mais “frágil” no “ser” do homem, possibilita uma abertura

do profundo âmago da vida-em-existência - que é o *sofrimento*.

Ou seja, “mundano” ou “ser-mundano” tem sinônimo também de “frágil”, de “perecido”, de “mortificado” ou mesmo de “em-desespero”. A nota que se procura trazer disto, na filosofia kierkegaardiana, é que a conhecida “existência” só poderá alcançar o seu esplendor enquanto “existência” no *desespero*. Logo, a única saída é o desespero - o súbito imediato final. Deste modo, é importante dizer também que “existir”, no humano é, sem sombra de dúvidas, “desesperar-se” porque é somente no desespero que o “ser” é ser no “sendo”. Ou seja, dito em termos completamente literais, “ser” para ser “ser” precisa *inevitavelmente* “desesperar-se” porque só no desespero da vida o homem vive-a de modo original e autêntico.

Em suma, o dilema do existir humano só terá um único caminho ou destino - aquele da vida ordinária. Mas, por outro lado, é o *desespero humano* que faz tornar a vida ordinária uma *vida significativa* em forma, aspecto e textura.

Com termos heideggerianos novamente, a absoluta transparência da vida se *reflete* também inevitavelmente na “clareira do ser” - ou seja - em termos metafóricos - é a *limpidez* do cristal refletido na/pela clareira do “ser” que o existir humano - que é o *perseverar-na-com-a-existência*, tão somente e unicamente, consegue simplesmente *acontecer*, pois “vida” também é “acontecimento” e cada *um* modo de “acontecer” é também um modo de, em seu aparecimento, perseverar “na” existência. Logo, o acontecimento apropriador da vida ordinária e natural do qual o “ser” se “apropria” nada mais seria do que o envolvimento profundo com os *dilemas* da *Existenz* e, sem sombra de dúvidas, se deste modo é - unicamente é - o ser só poderá, diante de todas as mais possibilidades, revelar-se a si mesmo e ao mundo, somente e unicamente no acontecimento apropriador que é a vida!

REFERÊNCIAS

BOSS, M. **Psychoanalysis and Daseinsanalysis**. New York: Basic Books Publishing, 1963.

DELEUZE, G. **A imagem-tempo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2026.

HEGEL, G. **Ciência da lógica**: a doutrina do ser. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

_____. **Ser e tempo**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Editora Ideias & Letras, 2012.

KIERKEGAARD, S. **O desespero humano**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

PLATÃO. **O mito da caverna**. São Paulo: Edipro, 2015.

STEIN, E. **Ser finito y ser eterno**. Espanha: Fondo de Cultura Económica, 2014.